

Intelectuais e resistência política na revista de exílio Araucaria de Chile

RAPHAEL COELHO NETO¹
Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: Neste artigo, analisamos a noção de intelectual presente na revista cultural *Araucaria de Chile* (1978-1990). Para tanto, torna-se essencial a observação das condições históricas de produção da revista, criada por intelectuais chilenos exilados, em um contexto de ditaduras militares no Cone Sul - com ênfase no repressivo e violento governo de Augusto Pinochet (1973-1990). Tais condições dotaram a revista de um caráter de resistência política e, evidentemente, influíram sobre as acepções de seus colaboradores, marcadamente de esquerda, a respeito da função política e social do intelectual latino-americano, qual o seu efetivo papel no exílio e diante de governos autoritários.

Palavras-Chave: *Araucaria de Chile*; Intelectuais; Resistência Política.

Abstract: In this article, we analyzed the concept of the “intellectual” as presented on the cultural magazine *Araucaria de Chile* (1978-1990). For this analysis, it is essential to understand the magazine’s historical setting, and its emphasis on the violent and repressive government of Augusto Pinochet (1973-1990), as it was created by exiled Chileans intellectuals within the context of military dictatorships in the Southern Cone. Such context gave a character of political resistance to the magazine, and influenced its leftist employees conceptualization of the political and social functions of the Latin American intellectual, and of what should be his effective role in exile and when confronting authoritarian governments.

Keywords: *Araucaria de Chile*; Intellectuals; Policy resistance.

1 Doutorando em História e Culturas Políticas pelo Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Título da pesquisa: O projeto editorial *Chile-América/Cesoc* (1974-1990): resistência política, direitos humanos e redes intelectuais durante a ditadura militar chilena. Órgão financiador: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: raphaelcneto@yahoo.com.br. Este artigo consiste em um recorte revista e modificado de uma discussão desenvolvida por mim na dissertação de mestrado *Exílio, intelectuais, literatura e resistência política nas revistas *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile* (1977-1989)*, defendida no Programa de Pós-Graduação em História da UFMG em 2016 e publicada em livro no final de 2017 pela editora Multifoco, da cidade do Rio de Janeiro.

Introdução

O violento golpe militar do dia 11 de setembro de 1973 no Chile destituiu do poder o presidente Salvador Allende, eleito em 1970 pela Unidade Popular (UP), coalizão política que foi composta por partidos da esquerda chilena, com destaque para os tradicionais Partido Socialista e Partido Comunista, e que projetou a “via chilena para o socialismo”.² Após a composição da Junta Militar de governo, o poder executivo, paulatinamente, concentrou-se no general, Comandante em Chefe do Exército, Augusto Pinochet, a ponto deste, até o final da ditadura militar chilena em março de 1990, personificar um dos governos mais autoritários e violentos da América Latina nesse contexto.³ Nos anos iniciais após o golpe, à medida que a repressão avançava sobre dirigentes políticos, militantes e simpatizantes

2 Sobre o golpe militar no Chile, Alberto Aggio analisou os conflitos políticos internos do governo da Unidade Popular, decorrentes, segundo o autor, da heterogeneidade de sua composição política à esquerda. Para Aggio, a ação política e de governo da UP não conseguiu expressar-se consensualmente através de um projeto claro de construção do socialismo pela via institucional-democrática, aspecto central do seu programa. Soma-se a isso, a forte oposição sofrida no parlamento por meio da Democracia Cristã e do Partido Nacional, travando institucionalmente o governo de Salvador Allende. Junto à ausência de um claro projeto que unificasse os partidos de esquerda que compunham a UP, a direita chilena pressionava o governo através de forte campanha ideológica visando a quebra de sua legitimidade diante da sociedade. O golpe de Estado ocorreu em meio a esse cenário de fragilidade política da UP e união entre as forças sociais da direita chilena e as Forças Armadas do país, que justificaram sua ação expondo a necessidade de restaurar a unidade nacional e retirar o Chile do caos econômico e do que entendiam como “ilegitimidade política” (AGGIO, 2002, p. 29-31).

3 Consideramos central fazermos referência aqui aos estudos da historiadora chilena Verónica Valdivia, que denominou como *pinochetismo* o processo de personalismo da ditadura no Chile em torno do general Augusto Pinochet, processo este que passou pela construção de um caráter projetual, marcado pela refundação total do país. Isso pressupunha a utilização de um aparato repressivo brutal e uma guerra contra a esquerda que se daria tanto na frente política como também na social e na econômica, o que passava pela fundamental introdução do neoliberalismo enquanto política econômica e novos sistemas de crenças e valores apresentados à população chilena. Para uma análise mais detida a respeito, ver Valdivia (2015).

dos partidos que formavam o governo Allende, crescia vertiginosamente o número de mortos, desaparecidos, presos políticos, torturados e exilados.

No exílio, uma das principais formas de resistência política encontrada pelos intelectuais chilenos foi por meio da produção de revistas, e, nesse aspecto, *Araucaria de Chile* constituiu-se em um importante impresso cultural, verdadeiro manancial de ideias e debates de oposição ao regime ditatorial chileno. Criada em Roma, em 1977, *Araucaria de Chile*, que possuiu circulação trimestral, foi uma revista cultural⁴ e política. Tendo como sede inicial a cidade de Paris, foi lançada oficialmente no primeiro trimestre de 1978 e encerrou sua publicação no primeiro trimestre de 1990, com o fim da ditadura chilena, totalizando 48 números publicados ininterruptamente no exílio. Fundada e dirigida pelo importante dirigente comunista e escritor Volodia Teitelboim, bem como pelo editor Carlos Orellana, membros do Partido Comunista de Chile (PCCh), *Araucaria* veiculou e difundiu em seus textos valores das esquerdas, embora não se colocasse, oficialmente, como porta-voz do PCCh e recebesse a colaboração de intelectuais de distintas tendências políticas, alguns de prestígio internacional, como o escritor argentino Julio Córdazar.

Por se tratar de uma revista de exílio resultante de um trabalho intelectual coletivo que se inseriu no campo das resistências políticas, o que nos permite pensar na formação de redes intelectuais transnacionais em torno de um ideal mais amplo de retorno à democracia no Chile, nossa análise limitar-se-á ao entendimento, concebido pelos colaboradores da revista, do papel político do intelectual latino-americano frente aos governos

4 Por revista cultural, entendemos, aparando-nos no estudo de Alexandra Pita González (2008), as publicações periódicas que se dedicaram a tratar de uma grande variedade temática relacionada com a literatura, com o cultural, com a ciência, com a história e com a política.

ditatoriais do Cone Sul, especialmente no Chile, durante as décadas de 1970 e 1980. Tentaremos desenvolver noções da categoria *intelectual* concebidas a partir dos próprios intelectuais que publicaram em *Araucaria de Chile*, pensando também de que maneira suas acepções podem ter relação com as culturas de esquerda.

Propomos uma discussão baseada na análise de parte dos debates estabelecidos pelos colaboradores de *Araucaria de Chile* acerca do escritor/intelectual, sua relevância política enquanto resistência e oposição aos governos autoritários na América Latina, seu papel no processo de abertura política e denúncia da violência institucionalizada, bem como as reflexões suscitadas pela crítica chilena concernentes à produção intelectual, com ênfase na literatura, submetida à condição ditatorial e de exílio. Dessa forma, o estudo proposto aponta para as convergências, não negligenciando as divergências de ideias, dentro de uma rede de relações intelectuais estabelecidas por uma revista cultural, profundamente marcada pela condição do exílio.

Aporte conceitual e metodológico

Em primeiro lugar, faz-se necessário a compreensão de que *Araucaria de Chile*, mais do que fonte para conceber a circulação de ideias políticas e literárias, é também objeto de nosso estudo. Trata-se de um aspecto um tanto quanto óbvio, mas que, ainda assim, julgamos importante salientar. Dessa maneira, buscamos vincular as proposições publicadas em *Araucaria* com as ligações políticas de seus editores e principais colaboradores,

bem como com seu editorialismo programático⁵, que, no caso da revista em questão, esteve voltado, fundamentalmente, para a oposição à ditadura no Chile e a defesa de valores democráticos na visão de mundo de esquerda, em especial a partir de sua estreita, mas não determinante e oficial, relação com o PCCh.

No que se refere às revistas culturais, compartilhamos do pressuposto de Carlos Altamirano (2010, p. 19), quando apontou que esses impressos foram uma “forma de agrupamiento y organización de la *intelligentsia*”, através dos quais se fez possível estudar “las direcciones y las batallas del pensamiento en las sociedades modernas y hacer el mapa de las líneas de sensibilidad de una cultura en un momento dado”. Em consonância com essa ideia, e com a qual também concordamos, Beatriz Sarlo (1992, p. 15) defendeu que as revistas culturais, nas quais frequentemente atuaram a intelectualidade mais proeminente de seus países, foram comumente dirigidas por um coletivo, e puderam informar “sobre las costumbres intelectuales de un período, sobre las relaciones de fuerza, poder y prestigio en el campo de la cultura”.

Especificamente sobre *Araucaria de Chile*, podemos afirmar que seus intelectuais colaboradores, representando um projeto coletivo, convergiram em torno de um objetivo precípuo, como afirmamos anteriormente: opor-se ao regime ditatorial de Augusto Pinochet, buscando o retorno à democracia no Chile. Reforçamos que os intelectuais, em *Araucaria de Chile*, uniram-se em prol de pensamentos de restabelecimento da democracia dentro do campo das esquerdas, o que, por conseguinte, influenciou sobre as formas de conceber a função do intelectual no exílio ou nos países sob ditaduras. Nesse

5 Entendemos por editorialismo programático a linha editorial militante de determinado impresso, ligada, portanto, a projetos culturais e políticos específicos. Sobre essa questão, ver Fernanda Beigel (2003).

aspecto, ao referir-se ao corpo editorial da revista, Carlos Orellana (1994, p. 16), editor-chefe de *Araucaria*, afirmou que os diálogos constantes no interior desse grupo permitiram a eles perceber que haviam encontrado o que “tan fervorosamente anhelábamos: [...] el funcionamiento, en el campo de la preocupación cultural, de una inteligencia colectiva afincada en una visión marxista del mundo”.

Pensamos, portanto, que a revista *Araucaria de Chile* possibilitou a formação de uma rede de sociabilidade intelectual no exílio em torno de proposições políticas alternativas ao governo pinochetista e a consequente presença de elementos autoritários, do ponto de vista político, e neoliberais, do ponto de vista econômico, que sua institucionalização ensejou. Entendemos por rede intelectual “una forma de sociabilidad y una cadena de contactos e interacción entre artistas, gente de letras, editores y otros tipos de agentes culturales, ligados por convicciones ideológicas o estéticas compartidas” (ALTAMIRANO, 2010, p. 18-19), embora essa condição não elimine, como veremos, a diversidade de pensamentos e, por vezes, as divergências dentro dos grupos.⁶

Podemos pensar que *Araucaria de Chile* e o exílio efetivaram a constituição de uma rede intelectual de resistência política à ditadura chilena e, por extensão, aos demais governos autoritários do Cone Sul. Ao refletirmos teoricamente sobre *resistência*, tendo como base a proposta conceitual de Jacques Sémelin (1994), concebemos que essa categoria pressupõe uma maneira de afirmar ou manter uma identidade ante a um processo brusco e por vezes violento de ruptura. O conceito de resistência pressupõe ainda “dividir as discordâncias” em relação à dada situação, organizando-se de modo a propiciar uma ação coletiva em torno dos

6 Análises a respeito desse conceito são encontradas em Eduardo Devés-Valdés (2007).

objetivos almejados. Resistir requer, portanto, uma ação plural e conjunta, objetivando ganhar adeptos e reocupar o espaço público. Sémelin afirmou que, para a eficácia do ato de resistência, seria central a edificação de um sistema de contatos que possibilitasse a solidificação de uma identidade política, coordenando sua organização e influenciando sobre a opinião pública. A busca pela adesão social consistiria na força motriz dos movimentos de resistência (SÉMELIN, 1994, p. 53).

Nesse sentido, pensamos que a criação de *Araucaria de Chile* efetivou-se como ato de resistência que permitiu consolidar laços identitários e de solidariedade entre seus aderentes, compartilhando ideias e visões de mundo. *Araucaria de Chile* evocou sobremaneira a questão da resistência política em seus textos, realçando, nesse processo, a atuação do escritor/intelectual⁷ diante de situações políticas repressivas. Passemos, então, à análise desses debates a respeito do recorte temático proposto neste estudo.

Intelectuais, literatura e resistência política

A preocupação com o ambiente intelectual e cultural chileno esteve presente em *Araucaria de Chile* logo em seu primeiro número. No texto de fundação, os editores da revista manifestaram preocupação com

⁷ Pensamos que o termo intelectual possui um sentido mais amplo do que a categoria escritor. O conceito de *intelectual* pode abarcar vários “agentes culturais”, incluindo os escritores e literatos. No entanto, como veremos, a revista *Araucaria de Chile* ora se referiu aos intelectuais ora se referiu aos escritores latino-americanos no exílio, sem fazer muita distinção entre os termos. Em algumas publicações, como poderemos perceber, o sentido de intelectual incluiu acadêmicos, artistas e escritores. Em outras, ou a referência se deu especificamente ao escritor, em especial o do exílio, ou, embora apresentando o termo *intelectual*, o sentido colocado pareceu corresponder única e exclusivamente aos romancistas, novelistas e poetas, o que, por conseguinte, provocou forte correspondência com a literatura, sobretudo a de caráter político.

o que entendiam como processo de “apagón cultural” no Chile, em plena vigência em razão do exílio massivo de intelectuais, provocado pela violenta repressão da Junta Militar, em especial nos primeiros anos após o golpe. Como expresso no editorial de lançamento, “tal fenómeno, más que una fuga de talentos, debiera calificarse como una expulsión de cerebros en masa, [...] expatriación forzosa de millares de sus más destacados intelectuales en todos los órdenes del saber” (EDITORIAL, *Araucaria de Chile*, 1978, p. 5).

Três números depois, essa mesma preocupação foi corroborada por mais de 250 signatários da *Carta de los intelectuales chilenos*. Nela, afirmava-se que os intelectuais exilados – compreendendo um universo de acadêmicos, literatos, artistas, profissionais e estudantes - constituíram parte importante do capital humano com o qual o país contava para “planear, organizar y llevar adelante el proceso integral de su desarrollo” (CARTA DE LOS INTELLECTUALES CHILENOS, *Araucaria de Chile*, 1978, p. 209). Assim, ao “dilapidar de manera inaudita ese potencial” por meio da violência política e do consequente exílio dos intelectuais, o governo militar consumou “un atentado contra los derechos de todo el pueblo de Chile” (CARTA..., *Araucaria de Chile*, 1978, p. 209).

Pedro Miras, comentando a *Carta de los intelectuales chilenos*, defendeu que a tarefa comum dos intelectuais exilados foi “mantener vivos los trazos de madurez, originalidad y democracia que siempre caracterizaron la cultura [chilena]”. O autor acrescentou que, junto a isso, outras responsabilidades deveriam ser observadas na atuação dos intelectuais no exílio, dentre elas a referência constante ao processo cultural chileno, assim como a necessidade de “regresar al país no como autómatas del saber o la ciencia”, mas para fazer valer “el derecho de Chile de disponer de sus intelectuales, a fin de llevar a cabo su propio desarrollo” econômico e cultural, corroborando, nesse sentido, com o que diz a *Carta de los intelectuales chilenos* (MIRAS,

Araucaria de Chile, 1978, p. 208-209).

Esse tipo de discussão difundida em *Araucaria de Chile* nos remete à perspectiva, indicada por Ángel Rama, de que os intelectuais exilados imputaram para si duas responsabilidades principais, a de conservadores de uma herança cultural de seus países e a de intérpretes de soluções políticas para a superação dos regimes autoritários (RAMA, 1978, p. 95-105).

Foi nessa vertente, e atuando nos domínios da produção cultural, que na reunião de intelectuais exilados no *Encuentro de Thorun*, realizado na Polônia em maio de 1979, Julio Cortázar, renomado escritor argentino, em discurso intitulado *Ganar la calle y la libertad y la luz*, publicado na edição de número 7 de *Araucaria*, destacou o compromisso que o intelectual latino-americano deveria ter com os povos oprimidos pelo autoritarismo, atuando no sentido de buscar a restauração da liberdade e da justiça. Na interpretação de Cortázar, as dificuldades impostas pelas ditaduras não deveriam desanimar os intelectuais. Em suas palavras:

Nosotros, los escritores unidos a la causa de los pueblos que, como en Chile, sufren opresión e injusticia, vivimos un fin de siglo particularmente difícil; pero la dificultad es la condición *sine qua non* de toda literatura verdaderamente avanzada, verdaderamente progresista, y por eso nuestras dificultades no se resuelven en negatividad; muy al contrario, constituyen una pasión, un motivo más para escribir. Si las dificultades en nuestro enfrentamiento cotidiano con la historia, si eso que se ha dado en llamar “compromiso” con el derrotero de los pueblos hacia la libertad, la justicia y la felicidad, se vuelven cada día más agudas y más dramáticas, los escritores que merecen ese nombre y la confianza de quienes los leen no se desaniman en absoluto; muy al contrario, cada nuevo obstáculo que el terror, el desprecio, el fascismo en una palabra alza contra la labor intelectual y artística, es un acicate y un desafío que multiplica su voluntad y sus fuerzas (CORTÁZAR, *Araucaria de Chile*, 1979, p. 7).

Assim, como forma também de atuação política, Cortázar propôs o envolvimento ativo no âmbito da cultura nas mais diversas formas: literatura, teatro, música, cinema e produções científicas. Para isso, a participação do intelectual latino-americano, exilado ou não, tornar-se-ia precíua, evidenciando sua tomada de consciência em relação à violência institucionalizada, em especial no Chile, país para o qual ele fez referência direta:

Claro y concreto es nuestro programa: nos reunimos aquí por la causa de Chile, un país dominado por una de las tantas dictaduras que imperan en América Latina, y lo hacemos para plantear y debatir los problemas y los caminos de la cultura frente al régimen de la junta militar encabezada por Pinochet (CORTÁZAR, *Araucaria de Chile*, 1979, p. 9-10).

Julio Cortázar, em análise convergente com a perspectiva da *Carta de los intelectuales chilenos*, bem como com a de Pedro Miras, ressaltou que os verdadeiros exilados não foram os escritores e artistas obrigados a viver na Europa ou nos Estados Unidos, senão o próprio povo chileno, argentino, uruguaio, desarraigado do produto artístico, científico e/ou literário de centenas de seus melhores criadores. Assim, segundo ele, “si este enfoque es exacto, si estamos en presencia de un verdadero genocidio cultural en Chile, como en Argentina o Uruguay o Paraguay”, se a impossibilidade de fazer chegar ao povo tantas produções artísticas, científicas e literárias “se traduce en un empobrecimiento mental y espiritual de los exiliados internos, no cabe la menor duda de que [...] ha llegado la hora [...] de abrir más a fondo el frente de combate cultural”. Para além da atividade intelectual no exílio, Julio Cortázar não deixou de mencionar a produção cultural de resistência no Chile, segundo ele “fator admirable y heroico de lucha” contra a ditadura (CORTÁZAR, *Araucaria de Chile*, 1979, p. 12).

A pergunta central que moveu a discussão de Cortázar no *Encontro*

de Thorun foi “¿cuál puede y debe ser la actitud de los intelectuales chilenos exiliados y de los intelectuales no chilenos pero íntimamente unidos a su causa?”. Para esse questionamento, o escritor argentino sugeriu que

el único camino positivo está en ganar cada vez más la calle para devolver al pueblo la conciencia de su fuerza y la alegría de poder ejercerla más abiertamente. Desde luego (y este es un rasgo típico de todas las dictaduras) la mínima y en general mediocre “cultura oficial” hará todo lo posible por dar la impresión de que el resurgimiento constituye una sola corriente y que esa corriente es inspirada y apoyada por el régimen. Por eso importa que en la medida de lo posible los intelectuales y los artistas se definan lo más inequívocamente posible a través de su obra y de su conducta personal” (CORTÁZAR, *Araucaria de Chile*, 1979, p. 14).

Identificamos, com essa citação, que, ao intelectual caberia o comprometimento em se contrapor, obrigatoriamente, ao discurso oficial do Estado, difundido em sociedades de pouca ou nenhuma liberdade política e escassos meios de manifestações populares. De maneira subjacente, percebemos uma preocupação com as novas gerações que, tendo sido educadas sob os governos ditatoriais, possuíam a propensão de receber valores que coadunavam visões de mundo do Estado autoritário.

Enquanto intelectual que se propôs à ação efetiva de suas ideias, Julio Cortázar recomendou que do exílio se organizasse um fundo econômico destinado a favorecer as artes plásticas e a literatura chilenas, possibilitando também a saída do Chile de obras que oferecessem denúncias dos crimes praticados contra os direitos humanos e possibilitassem informações alternativas ao discurso oficial. Outra proposição de Cortázar foi a criação de impressos e rádios nos quais fosse possível ecoar as vozes de chilenos exilados, além de se constituírem em meios de convivência e preservação de valores culturais das esquerdas (CORTÁZAR, *Araucaria de Chile*, 1979, p.

15–16).

Inferimos, então, que, para Julio Cortázar, o intelectual, em especial o escritor exilado, na conjuntura de repressão política, deveria atuar no espaço público – lembrando que a noção de *resistência* pressupõe a prática, a ação efetiva –, posicionar-se frente a questões de seu tempo, aproximando-se, nesse aspecto, da concepção de intelectual engajado presente em Jean-Paul Sartre e que em muito influenciou os intelectuais latino-americanos durante as décadas de 1950, 1960 e 1970, como apontou Claudia Gilman (2003): “el sartrismo proporcionó toda clase de garantías teóricas al papel transformador del escritor-intelectual [...], acercó las aspiraciones políticas de los intelectuales con sus preocupaciones profesionales” (GILMAN, 2003, p. 72).

Esclarecemos que a militância e as ideias defendidas por Julio Cortázar em *Araucaria de Chile* acerca do papel dos intelectuais mantiveram-se coerentes com aquilo que ele apregoava quase duas décadas antes, uma vez que posição similar já vinha sendo assumida pelo escritor argentino desde a vitória da Revolução Cubana em 1959. Segundo Adriane Vidal Costa (2013, p. 111), a tomada de consciência política de Cortázar, o que o levou a se expressar a favor do socialismo e a se interessar efetivamente pela realidade social e política da América Latina, deu-se, desde o exílio em Paris, a partir da Revolução em Cuba, influenciando sobre seu comportamento enquanto escritor comprometido. Seu envolvimento ainda maior ocorreu com o processo revolucionário na Nicarágua, que culminou com a tomada do poder pela Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), em 1979, conjuntura em que escrevia para inúmeras publicações, dentre elas *Araucaria*.

As condições do exílio e, por extensão, também as do escritor/intelectual exilado foram objeto de muitas reflexões em *Araucaria de Chile*. Embora o viés traumático e de desarraigamento tenha sido forte em boa

parte das análises feitas pelos colaboradores da revista em relação ao exílio, optamos por destacar neste artigo duas perspectivas positivas acerca dessa condição. Novamente recorreremos ao influente colaborador da revista Julio Cortázar, para quem a perspectiva exílica do trauma e da nostalgia serviria para reforçar o triunfo do inimigo, ao passo que converter a negatividade do exílio e livrar-se da conotação “romântica” a ele ligada permitiria aos escritores elaborar novas ferramentas e discursos de combate aos regimes autoritários na América Latina (CORTÁZAR, *Araucaria de Chile*, 1980, p. 59-66).

De maneira similar, tal lógica foi apresentada pelo escritor chileno Antonio Skármeta, para o qual o exílio possibilitaria aos escritores latino-americanos alcançar um público amplo, buscando a solidariedade da comunidade internacional em relação a suas causas. Além disso, para Skármeta, o distanciamento do lugar de origem permitiria ao escritor/intelectual exercer maior capacidade de análise e crítica, “a reformularse como ser humano y como escritor, [...] a madurar los defectos y errores que pudieron habernos conducido a una conyuntura semejante” (SKÁRMETA, *Araucaria de Chile*, 1982, p. 134).

Ambas as perspectivas, como podemos observar, propuseram o exílio como condição política que precisava ser encarada de maneira ativa pelo escritor/intelectual exilado, que deveria buscar adeptos para suas causas, engajando-se na resistência às ditaduras da América Latina. Acreditamos que essa foi uma perspectiva acerca do exílio igualmente válida, e que, ao contrário do que possa aparentar, não suavizou o trauma e a ruptura com as condições culturais dos indivíduos atingidos, mas procurou canalizá-los de maneira favorável aos exilados, oponentes políticos das ditaduras.

Ademais, o caráter anti-imperialista também esteve presente nos debates políticos de *Araucaria de Chile* acerca do compromisso do escritor/

intelectual latino-americano exilado. A resistência e as críticas contundentes deveriam ser feitas pelo escritor não somente aos governos militares ditatoriais, mas também aos Estados Unidos, país cúmplice e colaborador das Forças Armadas do Cone Sul. Para a escritora chilena Isabel Allende, amparada no processo histórico latino-americano e no contexto atual de repressão e violência política, de doutrinas de segurança nacional e de atuação da Operação Condor, “a los Estados Unidos les resulta más cómodo entenderse con un dictador que con un gobierno constitucional que debe rendir cuentas a la opinión pública”, e complementou suas críticas: “las dictaduras no son un accidente en América Latina, sino una estrategia trazada desde el Norte” (ALLENDE, *Araucaria de Chile*, 1984, p. 171). Embora não discordemos dessa significativa influência estadunidense nos golpes militares e estabelecimento das ditaduras na América Latina, como apontou Isabel Allende, pensamos, todavia, que a construção e a manutenção desses regimes efetivaram-se em razão do apoio e da colaboração de determinados setores da sociedade civil dos países envolvidos junto aos Estados autoritários. No Chile, por exemplo, a influência civil dos *gremialistas* no governo Pinochet foi determinante para o estabelecimento de seu caráter autoritário, conservador e anticomunista, sobretudo através de sua principal liderança política e intelectual, Jaime Guzmán, culminando na Constituição de 1980.

Ainda de acordo com Isabel Allende, em seu texto *El compromiso del escritor latinoamericano*, os escritores precisariam assumir suas posições políticas diante “de esta tragedia” que se constituíram as ditaduras, que em nome da segurança nacional provocaram inúmeros desaparecimentos, torturas e assassinatos (*Araucaria de Chile*, 1984, p. 172). A escritora defendeu a necessidade de uma ação comum entre os escritores exilados e os que permaneceram em seus países – estes últimos castigados de modo ainda

mais direto pela violência do Estado e que, portanto, fizeram emergir uma literatura carregada de ambiguidades e de metáforas para driblar a censura -, no sentido de buscar uma identidade não apenas chilena ou argentina, senão latino-americana, em face dos discursos do Estado que obliteravam as manifestações amplas das populações locais (ALLENDE, *Araucaria de Chile*, 1984, p. 173).

No que concerne à crítica literária chilena, o importante intelectual Fernando Alegria, exilado nos Estados Unidos, interpretou que o ato de criação do escritor, submetido a condições políticas de sistemática violência, não deveria ser meramente estético. Segundo ele, não bastava escrever bem. Fazia-se necessário que a literatura atuasse também como arma de libertação. Assim, “el viejo debate sobre la legitimidade de la política en la obra de arte ha perdido toda relevancia en la era de asaltos a la cultura, de violación a los derechos humanos, de armamentismo suicida y abusos imperialistas en que vivimos” (ALEGRÍA, *Araucaria de Chile*, 1982, p. 119). De acordo com Alegria, tudo o que se realizasse, do ponto de vista intelectual, sob essas condições de opressão, teria um caráter político e comprometeria os escritores e artistas na luta pela democracia. Assim, ficou evidente que arte e política, para Fernando Alegria, no contexto de ditaduras, não se constituíam em algo que devesse ser dissociado, muito antes o contrário. Remetemo-nos, nesse aspecto, à junção das preocupações profissionais com a literatura e o compromisso político do literato, essa dupla instância que conferiria ao escritor também a legitimidade de intelectual (GILMAN, 2003, p. 72-73). Na verdade, em uma conjuntura histórica que envolvia Guerra Fria, influência da Revolução Cubana e ditaduras militares no Cone Sul, a intervenção nos assuntos políticos tornou-se praticamente inevitável (GILMAN, 2003).

No âmbito da literatura latino-americana, em especial a chilena,

Fernando Alegría destacou o fato do gênero novela ter se “convertido” em crônica, não pela simples vontade dos romancistas, mas, sim, em razão das exigências e da urgência da impostergável luta dos povos latino-americanos em defesa de seu direito a sobreviver. O que esteve latente nessa interpretação de Alegría a respeito da prevalência de um gênero sobre outro foi a revalorização do testemunho ou da literatura *testimonial* enquanto possibilidade efetiva de associação entre o fazer literário (aspecto estético) e a denúncia política (aspecto ético). Nessa perspectiva, ele destacou o crescimento na produção dos *testimonios* no Chile⁸, após 1973, como consequência das condições históricas que ora se apresentavam, e que, portanto, transformaram-se para os chilenos em um modo de “novelar la tragedia de un golpe militar, los dramas de la resistencia y los desgastes del exilio”(ALEGRÍA, *Araucaria de Chile*, 1982, p. 119).

Assim como Cortázar e Isabel Allende, também Alegría conferiu à noção de intelectual um sentido de compromisso político e ação no espaço público que, naquele momento, inscrever-se-ia, para além da resistência política às ditaduras, na defesa da democracia, das liberdades políticas e da justiça social. Escrever tornar-se-ia um meio de ação, e nada mais premente para o escritor do que ocupar-se do seu mundo, das questões que o envolviam.

8 De acordo com Juan Armando Epple, em consonância com a análise feita por Fernando Alegría, a experiência do golpe militar no Chile ativou o registro testemunhal como fenômeno quantitativamente amplo, adquirindo o estatuto de gênero literário no país. Segundo ele, grande parte da ficção chilena, produzida imediatamente após o golpe, construiu formas narrativas híbridas, algo como um “cuento testimonio” ou uma “novela testimonial” (EPPLE, 1994, p. 1148). A literatura de testemunho pode ser caracterizada, de um modo geral, como aquela em que se registra a memória do trauma, da ruptura, da violência de Estado, da repressão política, da censura. Nesses textos, a experiência traumática tende a ser direcionada para temas e questões referentes à solidão, ao corpo e à memória, como bem apontou Paloma Vidal (2004).

Intelectuais e valores políticos das esquerdas chilenas

Em discurso feito em razão do *Encuentro de Intelectuales de Nuestra América por la Soberanía de los Pueblos*, convocado por *Casa de las Américas*, publicado em *Araucaria de Chile*, Volodia Teitelboim, diretor da revista e membro da direção do PCCh, concebeu uma acepção de intelectual que, em nossa interpretação, esteve subjacente àquelas apontadas até então, porém o fez de maneira mais explícita, vinculando-a a perspectivas revolucionárias e comunistas. Segundo Teitelboim, conclamando a soberania dos povos do subcontinente, a América Latina necessitava de intelectuais que não sucumbissem “a las tentaciones ideológicas del imperialismo”, e se posicionassem favoráveis “a la Revolución, embarcados para toda la vida en una lucha en que se puede unir la verdad con la pasión, el arte con el amor por la humanidad” (TEITELBOIM, *Araucaria de Chile*, 1981, p. 22).

A noção de “Revolução” empregada por Volodia Teitelboim não foi especificada. Há duas possibilidades de interpretação viáveis e que, no nosso entender, se complementam. O termo pode ter sido usado de maneira genérica, de modo a apontar as mudanças estruturais necessárias para a autonomia dos países latino-americanos, sobretudo diante dos interesses políticos e econômicos dos Estados Unidos de Ronald Reagan (1981-1989). A outra interpretação é a de que seu sentido talvez tenha tido correspondência mais estreita com aquilo que o PCCh debatia, naqueles anos iniciais da década de 1980, a respeito da viabilidade de sublevação insurrecional diante da conjuntura específica da ditadura chilena.

Nesse sentido, o documento publicado em *Araucaria de Chile* que mais explicitou essa forma de luta, no qual se clamou para que a intelectualidade do país se aproximasse das diretrizes comunistas no embate à ditadura de Augusto Pinochet, foi *Un pueblo en el combate: llamamento*

de los intelectuales comunistas chilenos a los escritores y artistas, a los académicos y estudiantes, a los profesionales y técnicos, a los comunicadores sociales y trabajadores de la cultura (1983, p. 177-188). Tratou-se de um verdadeiro manifesto oficial de resistência política assinado pelos intelectuais e pela direção do partido comunista chileno, que, em tom combativo, convocaram os opositores do governo Pinochet a exercerem “el derecho legítimo al uso de la violencia en todas las formas que sean necesarias” para “derrocarlos y erradicarlos para siempre” a Pinochet e “al fascismo” (PARTIDO COMUNISTA DE CHILE, *Araucaria de Chile*, 1983, p. 180).

Devemos lembrar que, em 1982, um ano antes da publicação desse manifesto em *Araucaria de Chile*, a direção do PCCh havia entrado em certo consenso a respeito da forma de luta contra a ditadura no Chile, adotando a *Política de la Rebelión Popular de Masas* (PRPM). De acordo com Rolando Álvarez Vallejos,

Desde el punto de vista del debate interno, en 1982 aparentemente amainó la tormenta provocada por las diferencias entre interior y el exterior [exilio]. [...] Por ello, es posible afirmar que 1982 fue el año de la instalación de la nueva política comunista, llamada de “Rebelión Popular de Masas” desde fines de 1981 (2008, p. 38).

Álvarez Vallejos (2008, p. 39) afirmou que esse “radicalismo de masas”, a partir do qual o PCCh buscou reunir a militância comunista, viveu seu apogeu entre os anos de 1983 e 1986, durante o período de *Protestas Nacionales* no Chile, ciclo de mobilizações sociais contra a ditadura pinochetista. A *Frente Patriótico Manuel Rodríguez* (FPMR) foi criada para organizar a linha política armada do PCCh, a fim de se consumir a oposição insurrecional do partido ante à ditadura.

Não obstante, essa não foi a única possibilidade aventada na revista *Araucaria* para derrubar Pinochet e adentrar a democracia a partir

de uma ruptura com o capitalismo. Antonio Skármeta também sinalizou com a possibilidade de associação entre intelectuais e o ideário político de esquerda, ao mencionar a necessidade de seguir trabalhando, no exílio ou no Chile, “por la democracia y el socialismo como un amante obseso de la libertad” (SKÁRMETA, *Araucaria de Chile*, 1980, p. 142). Em outra publicação, na edição do terceiro trimestre de 1982, Skármeta voltou a defender “un socialismo generoso basado en el consenso y no en la violencia” (SKÁRMETA, *Araucaria de Chile*, 1982, p. 138).

Aqui, cabe realizar interpretações possíveis. Ao defender um socialismo que se formasse pelo consenso e não pela violência, Skármeta, integrante do *Movimiento de Acción Popular Unitaria* (MAPU), partido que integrou a Unidade Popular no Chile, realizou suas críticas à política de resistência insurrecional e violenta que acabara de ser adotada pelo PCCh, e, ainda que indiretamente, remeteu sua proposição de transformação social e política à “via chilena para o socialismo”, de Salvador Allende e da UP. Outra possibilidade seria pensar que Antonio Skármeta teria se aproximado, naquele momento, à perspectiva socialista renovada, à qual boa parte da esquerda chilena no exílio recorria como forma de repensar suas experiências e projetar mudanças políticas para o Chile que aliassem democracia e socialismo, afastando-se das experiências vinculadas ao socialismo real.⁹

Ao final, podemos refletir sobre duas questões: primeiro, no aspecto político, observar, ainda que sumariamente, as divergências entre as esquerdas chilenas no combate ao autoritarismo pinochetista, o que levou também a distintos projetos de transição à democracia; segundo, no que

9 Para uma compreensão aprofundada dos rumos políticos seguidos pelo MAPU durante a ditadura, de uma concepção teórica inicial marxista-leninista à perspectiva de um socialismo democrático renovado, ver Cristina Moyano Barahona (2010).

diz respeito a *Araucaria de Chile*, destacar o caráter heterogêneo da revista na veiculação de ideias políticas de esquerda e suas formas de resistência, embora sua identidade comunista tenha sobressaído em sua trajetória. Retomando Julio Cortázar, ao defender a cultura como única possibilidade de combate à ditadura chilena, como vimos neste texto, entendemos que ele também divergiu do tipo de política que, posteriormente, foi adotada pelo PCCh. Isso reforça nossa ideia de que *Araucaria de Chile*, embora financiada e ligada diretamente ao partido comunista chileno, dando vazão a muitos valores e discursos da cultura comunista e do partido, não se constituiu em mero porta-voz dos ditames dessa agremiação política, tendo sido mais ampla e culturalmente muito diversa e rica.

Considerações finais

Como forma de conclusão, podemos entender a revista *Araucaria de Chile* como um bem cultural de resistência política, constituindo-se em espaço de socialização de intelectuais que visavam diminuir a sensação de isolamento provocada pelo exílio, bem como em instrumento, fruto de um trabalho intelectual coletivo, que propiciou debates e a circulação de ideias políticas, literárias e culturais.

Buscamos dar ênfase aos artigos, ensaios e críticas que possuíram como discussão central o papel político do intelectual latino-americano, sobretudo o do exílio, diante de um contexto de repressivas ditaduras militares no Cone Sul. Procuramos, assim, compartilhar da assertiva de François Dosse (2006, p. 34), segundo a qual a definição de intelectual não deve ser concebida *a priori*, seguindo uma conceituação normativa. Analisando tal categoria na revista, pudemos perceber, então, que, para

os colaboradores de *Araucaria de Chile*, eles próprios intelectuais, alguns de prestígio internacional, a figura do intelectual foi peça fundamental na resistência e na elaboração de projeções políticas alternativas aos governos autoritários. Na perspectiva da resistência política, *Araucaria* difundiu ideias distintas de seus colaboradores, que incitavam a atuação do intelectual no espaço público por meio das artes, da literatura, da produção intelectual acadêmica e mesmo através da luta insurrecional armada.

Todavia, em que pese alguma diferença nas proposições políticas veiculadas na revista, evidenciando divergências entre parte das esquerdas latino-americanas, em especial a chilena, no combate às ditaduras, podemos apontar dois aspectos que uniram os debates travados e analisados neste estudo: em primeiro plano, fundamentalmente, o interesse no restabelecimento da democracia no Chile e, por extensão, nos demais países do Cone Sul submetidos ao aparato repressivo do Estado; também, dentro do campo intelectual de discussões a respeito da democracia e da transição política, e na chave da resistência política e da literatura de exílio e/ou de testemunho, não cabia ao intelectual e/ou escritor engajado estabelecer quaisquer ligações ideológicas ou políticas que não estivessem necessariamente ligadas aos valores difundidos pelas culturas de esquerda, realçando, por esse viés, seu compromisso ético nas questões sociais de seu tempo.

A nosso ver, revistas desse matiz apresentam-se como importantes possibilidades para pesquisa e escrita historiográfica acerca da resistência cultural por terem fomentado, em suas páginas, polêmicas e discussões que estiveram condicionadas por uma conjuntura necessariamente política, a do exílio.

Referências:

AGGIO, A. *Democracia e socialismo: a experiência chilena*. São Paulo: Annablume, 2002.

ALEGRÍA, F. La literatura chilena en el contexto latinoamericano. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 19, p. 113-121, 1982.

ALLENDE, I. El compromiso del escritor exiliado. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 25, p. 171-173, 1984.

ALTAMIRANO, C. Élités culturales en el siglo XX latinoamericano. In: ALTAMIRANO, C. (Org.). *Historia de los intelectuales en América Latina: La ciudad letrada, de la conquista al modernismo*. Buenos Aires: Katz Editores, 2010, p. 09-28.

ÁLVAREZ VALLEJOS, R. “Aun temos pátria, ciudadanos”: el partido comunista de Chile y la salida no pactada de la dictadura (1980-1988). In: VALDIVIA, V.; ÁLVAREZ VALLEJOS, R. (orgs.). *Su revolución contra nuestra revolución: la pugna marxista-gremialista en los ochenta*. Santiago: LOM Ediciones, 2008, p. 19-82.

ARAUCARIA DE CHILE. Editorial. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 1, p. 5-8, 1978.

BEIGEL, F. Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana. *Utopía y Praxis Latinoamericana*. Año 8, n. 20, Marzo de 2003, p. 105-115.

CARTA DE LOS INTELLECTUALES CHILENOS. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 4, p. 209, 1978.

CORTÁZAR, J. América Latina: exilio y literatura. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 10, p. 59-66, 1980.

_____. Ganar la calle y la libertad y la luz. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 7, p. 7-16, 1979.

COSTA, A. V. *Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa*. São Paulo: Alameda Editorial, 2013.

DEVÉS-VALDÉS, E. *Redes intelectuales en América Latina: hacia la constitución de una comunidad intelectual*. Santiago: Universidad Santiago de Chile, 2007.

DOSSE, F. *La marcha de las ideas. Historia de los intelectuales, historia intelectual*. Valência: PUV, 2006, p. 19-34.

EPPLE, J. A. Acercamientos a la literatura testimonial de Chile. *Revista Iberoamericana*, v. LX, n. 168-169, p. 1144-1159, julio-diciembre de 1994.

GILMAN, C. *Entre la pluma y el fusil: debate y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.

MIRAS, P. Carta de los intelectuales chilenos. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 4, p. 208-209, 1978.

MOYANO BARAHONA, C. *El MAPU durante la dictadura: saberes y prácticas políticas para una microhistoria de la renovación socialista en Chile (1973-*

1989). Santiago: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2010.

ORELLANA, C. Bitácora personal de una historia colectiva. In: *Araucaria de Chile: Índice General (1978-1989)*. Santiago de Chile: Ediciones del litoral, 1994, p. 9-32.

PARTIDO COMUNISTA DE CHILE. Un pueblo en el combate. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 21, p. 177-188, 1983.

PITA GONZÁLEZ, A. Las revistas culturales como fuente para el estudio de redes intelectuales. In: MONTIEL, C. P.; MARTÍNEZ MENDOZA, S. (Coord.). *Voces en papel: La prensa en Iberoamérica de 1792 a 1970*. México: Universidad Autónoma de Chiapas, 2008, p. 77-85.

RAMA, A. La riesgosa navegación del escritor exilado. *Nueva Sociedad*, Buenos Aires, n. 35, p. 95-105, março-abril, 1978.

SARLO, B. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. *America, Cahiers du CRICAL*, París, Sorbonne la Nouvelle, n. 9-10, p. 9-15, 1992.

SÉMELIN, J. Qu'est-ce que 'résistir?', *Esprit*, Paris, n. 198, p. 50-63, janvier 1994.

SKÁRMETA, A. La nueva condición del escritor en el exilio. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 19, p. 133-143, 1982.

_____. "Ahorrar bajo el ala del sombrero una lágrima asomada". *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 9, p. 137-145, 1980.

TEITELBOIM, V. Santa Fe y los intelectuales de América Latina. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 16, p. 19-29, 1981.

VALDIVIA, V. Pinochetismo e guerra social no Chile. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org). *Ditaduras Militares: Brasil, Argentina, Chile e Uruguai*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, p. 121-141.

VIDAL, P. *A história em seus restos: literatura e exílio no Cone Sul*. São Paulo: Annablume, 2004.